

KUKAS

O FASCÍNIO DA FORMA

Implantou, em Portugal, a joalharia moderna, revolucionando completamente o mundo das jóias no nosso país. Tem exposto em Lisboa, Porto, Madrid, Haia, Nova Iorque, Rio de Janeiro e S. Paulo. A forma como pega nos materiais (nobres) e os tranforma está, desde há oito anos, patente na sua loja da Praça das Flores. Kukas é um nome

público na criação de jóias. Mas é mais do que isso. É célebre a sua paixão pelo colecionismo. Descobriu a genealogia dos objectos... Outra loja está agora a abrir, em Lisboa, com o seu nome. Maria José Costa Félix leva-nos à intimidade de Kukas: retrato de uma mulher muito especial que também de forma artística vive o seu quotidiano.



Nascida quando o Sol se encontrava no signo terreno de *Touro*, a matéria tem, para Kukas, uma grande importância. Vive rodeada de objectos, fascinada pelas várias formas que um mesmo objecto pode ter. Não pelo valor das coisas, mas porque cada uma tem uma história, um espírito que delas emana e se espalha pelo ar, misturando-se com as pessoas. E a sua casa, com vista sobre o Tejo por cima de telhados da velha

Lisboa, é um espaço habitado por muitas memórias onde tudo é movimento e arte, tudo é vida.

UMA ANARQUIA CRIATIVA

A pesar de viver sozinha, a todas as horas do dia há um ar de festa na casa de Kukas. Ela é como que a explosão da própria natureza quando a terra quente acolhe no seu seio tudo o que é vida. Mas a sua forma de acolhimento não é a social. Tem o coração sempre

aberto para os amigos e recebe-os com requinte. No entanto, é capaz de chegar a casa quase na mesma altura deles, com os sacos das compras para o jantar ainda por fazer. É uma casa sem quaisquer bastidores e os convidados podem, com o maior à-vontade, ser recebidos na cozinha enquanto ela abre os sacos. Tudo isto faz parte de uma maneira de estar na vida e de se relacionar com os outros, em que o importante é a amizade, a

alegria do encontro, o que se comunica. E na casa de Kukas respira-se uma descontração calorosa, um requinte desprezioso. «Isto está tudo cheio de pó, desculpe esta desarrumação toda!» Mas nada disso tem de facto importância, porque, no fundo, a razão de ser dessa espécie de *anarquia* é uma despreocupação total por tudo o que seja projectar uma qualquer imagem. «Talvez o meu principal defeito

seja a desorganização, a dificuldade em ser pontual», afirma. «Mas acho que gosto desta mistura um bocadinho anárquica que sou.»

AS COLEÇÕES

Aquilo que ressalta quando se entra na casa de Kukas é a quantidade de objectos de uma mesma família que existem por todo o lado – mochos, leques, búzios, ovos, frasquinhos, sabonetinhos, pisa-papéis... minicoleções. Até na casa de banho! «Há objectos que eu adoro e que queria juntar... É sobretudo o fascínio da forma. As várias formas de um mesmo objecto.»

Kukas sempre teve tendência para o coleccionismo. O que espanta a quem entra na sua casa é que, apesar de tanta coisa, não é de forma nenhuma uma casa atulhada. Os muitos objectos que a *po-voam* estão todos artisticamente colocados. Como se houvesse um tal respeito pela história que cada um transporta, que não se invadem mutuamente.

Kukas tem uma habilidade especial para dar vida ao inanimado. Quem entrar na sua casa e olhar com alguma atenção para as paredes, o que está em cima das mesas, nos cantos, nas estantes, sente como os próprios objectos conferem à casa um determinado clima, uma alma: a da sua dona. Se ali não houvesse uma alma de artista, talvez aquelas coisas todas fossem demasiadas...

A propósito da sua casa tão cheia de objectos das mais variadas proveniências, Kukas diz: «Às vezes apetecia-me um espaço completamente depurado, de linhas rigorosíssimas, geométricas, de transparência e de branco... Como é que poderia viver num espaço assim, por muito bonito que fosse? Concorde que não seria possível. Inicialmente agradar-me-ia como espaço, mas qualquer dia estava cheio!»

É que as coisas vão tendo vida própria, na casa de Kukas. E então «o objecto desdobra-se, deixa de ser inerte...» Para exemplificar aponta para um alambique, junto de uma janela, de onde sai uma planta que sobe pelas paredes. «Eu tinha dificuldade em me desfazer dele! Estou tão habituada a vê-lo ali... Aquele espargo já passou verões quase a morrer, mas depois deitava sempre novos espiguinhos e tem resistido a tudo...» Para Kukas, tanto as plantas como os objectos são presenças afectivas. O que mais se sente, quando se entra na sua casa, é que por todo o lado há realmente afecto.

UMA EXUBERÂNCIA SIMPLES

Kukas não se preocupa se não tiver tudo a postos na hora em que os convidados começam a chegar. No entanto, nunca se come em pratos de plástico ou rachados. «Mesmo sozinha não sou capaz de comer num prato todo estragado ou feio!» Os guardanapos são de bom material, a condizer com a toalha e há sempre uma série de mimos para cada um. Kukas dá-se toda, sem reservas, naquilo que dá aos seus amigos. A sua generosidade é exuberante. Mas o calor com que ela se dá não queima. Apenas acolhe e aquece. Há uma depuração nesta exuberância. Uma grande simplicidade.

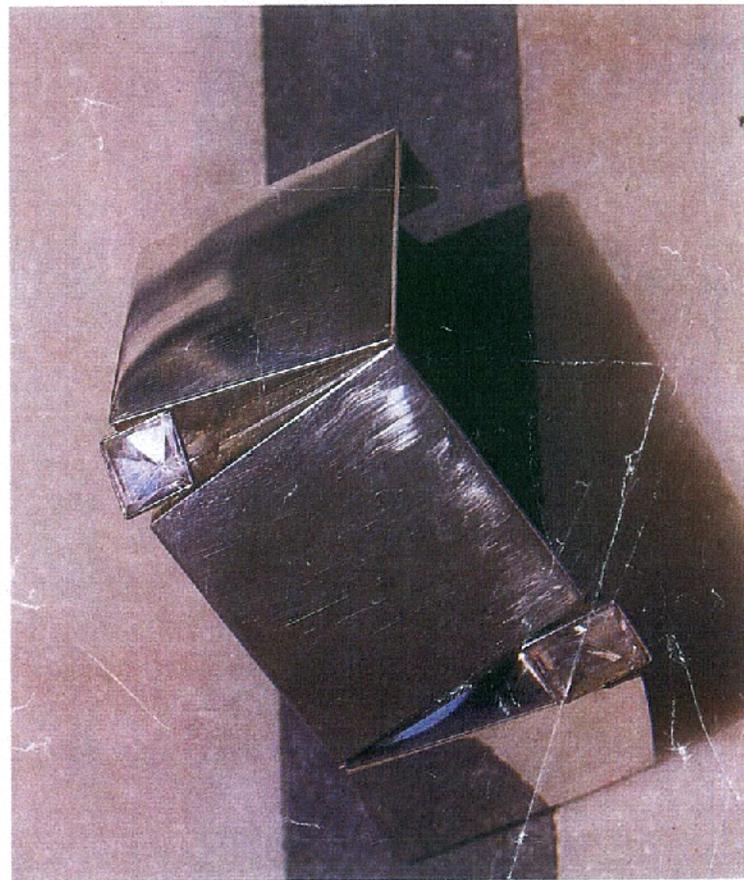
A INTRANSIGÊNCIA

Também não é nenhuma “boazinha”. «Sou extremamente

na vida. Kukas, uma pessoa intransigente? Dura? Capaz de passar ao lado de alguém sem sequer olhar? Não parece possível...

Diz uma amiga de longa data: «Da primeira vez que vi, eu nem acreditava! Mas é verdade. Há pessoas que ela elimina com a maior dureza e sem piedade. Elimina e pronto, deixam de existir!»

Que tipo de pessoas lhe fazem desaparecer a habitual bonomia? «Sou completamente intransigente com a hipocrisia. Também não consigo ultrapassar o pretensiosismo, o mau gosto, o ser *pires de cabeça*. Aí sou mesmo radical. Muito sociável, mas às vezes ponho barreiras. Há pessoas que eu ignoro. Reconheço que é uma atitude um bocadinho selectiva... Acho-me muito elitista. Mas nisso não condescendo.»



permissiva, mas depois há certas coisas que de forma nenhuma ultrapasso. Sou muito intransigente!» Quem nunca a viu actuar numa situação em que esta sua característica é *desafiada* tem dificuldade em acreditar que seja verdade. O que é fácil sentir nela é o coração à flor da pele, pronto a vibrar e a ajudar alguém de quem goste e a quem possa dar um prazer, a disponibilidade de quem não está de pé atrás e acredita sempre

SABER SER FELIZ

Kukas é uma pessoa com pouca saúde. Desde muito cedo teve acidentes graves. «Já estive várias vezes no limiar da morte.» No entanto, não é nada amargurada. «Os acidentes trouxeram-me ainda mais amor à vida. Acabo sempre dando a volta por cima, sou incapaz de pensar na desgraça em termos definitivos! Acho que o que eu tenho de melhor é precisamente uma certa capacidade em

saber ser feliz, sem precisar de grandes estímulos ou motivações exteriores. Não sou nada um vencida da vida! Há pessoas que ficam doentes só porque alguém lhes partiu um objecto em casa (disse mal delas... Esse tipo de coisas não me afecta nada.»

A capacidade para se entreter consigo mesma é outra das características de Kukas. Desde pequena. É muito sociável mas também tem um lado fortemente conterplativo. «Nunca em tempo algum tive a sensação de aborrecimento! É das poucas coisas que posso dizer de uma forma absoluta.» Há duas frases que sempre a influenciaram: uma, de Alma Negreiros, «Entre mim e a vida não há mal-entendidos» e outra de Vinicius de Moraes, «O amor eterno enquanto dura». Desde muito cedo que Kukas optou por não se alienar a um sistema, não entrar na roda dentada. «Sei muito bem o que não quero. Quanto a que quero, é um leque muito vasto...» Considera-se «uma sobrevivente nata» e é de opinião que «o sentido da vida somos nós que encontramos».

O LUXO DE VIVER SOZINHA

Será por isso que é capaz de viver sozinha? «Tive de fazer uma longa aprendizagem. Houve uma altura em que me parecia impensável não partilhar a vida com outra pessoa.» Não faz propriamente a apologia do viver sozinho. Mas acha que «é melhor do que a alienação de viver com alguém tendo de fazer tantas concessões que se perde a identidade.» Quando as pessoas lhe dizem com espanto: *Ai, chegar a casa e não ver ninguém, que horror!* ela responde: «A sensação de chegar a casa e não ver ninguém dá-me uma enorme serenidade!»

Dá que não a angustie se não tiver nenhuma relação sentimentally uma relação a dois no dia-a-dia. «Acho que ninguém é afectivamente independente, mas que dentro do possível eu o sou. Presar de alguém, claro que precisa. Mas não em termos de dependência. Vivo desta forma por escolha. O facto de não me ter casado não foi uma fatalidade do destino! Foi o luxo de poder fazer uma escolha. Ser a *senhora de fulano de tal* nunca me atraiu... Gostaria de ser um dos *happy few* que conseguem ter com alguém uma relação a dois, verdadeira. Mas porque que haveria de acontecer com uma coisa que acontece com pouca gente? A maior parte das pessoas casadas vive alienada

uma quantidade de valores aos quais eu nunca me alienaria...» O que é que isso significa? «Não sabem viver sós, precisam de quem os entretenha, no fundo não têm um diálogo pleno, uma vida de relação dinâmica. Têm apenas uma relação de *stam quo*.» E cita Sartre: «A liberdade só existe quando se limita a ela própria e não aos outros que a limitam, para acrescentar: «Ora eu acho que o outro limita sempre... Há uma diferença entre só e solidão. Eu vivo só mas sinto-me acompanhadíssima! Viver só pode ser uma forma mais rica de se viver. Acho que só há complementariedade quando não há sujeição.»

Kukas reconhece que tem «muito mais talento para fazer amigos do que para fazer maridos». Talvez por ser «muito individualista, muito permeável à opinião dos outros, mas muito pouco influenciável. Quando não vou pela minha cabeça, normalmente vou por mau caminho...». Não casou porque ninguém lhe inspirou um amor incondicional. «Irrracional sim, mas incondicional não!»

E quanto a não ter filhos? Tem pena? «Houve uma altura em que eu achava que ia ter uma dúzia. Mas não tive e hoje acho que não me fazem falta nenhuma. Não tenho a menor frustração por esse facto. Acho que, se os não tive, se calhar foi porque não estava mentalmente preparada para isso... Mas a razão principal pela qual não sinto nenhum vazio é porque há sobrinhos e filhos de amigos meus com quem tenho uma relação afectiva muito próxima da maternal.»

A IMPORTÂNCIA DA PINTURA

«**P**odia não ter mais nada, mas sem quadros não podia viver.» Nikias Skapinakis, Manuel Baptista, Maluda, Cargaleiro, Costa Pinheiro, João Vieira, Noronha da Costa, Marta Teles, Artur Casais, Bartolomeu Cid... Em todas as paredes há quadros. Logo à entrada um retrato de Kukas, rodeada de pessoas amigas e bichos, pintado por Artur Casais, no Brasil. «Para mim, a pintura tem uma importância enorme. A escultura também, só que é muito mais difícil de ter em casa.» Fala com um amor especial de um retrato de José Escada pintado por Marta Teles: «Nem sei bem explicar porque é que este quadro é das coisas a que eu mais estou ligada nesta casa. Uma vez emprestei-o para uma exposição e estive vários meses sem ele. Sempre que entrava naquela salinha faltava-

me qualquer coisa, um ponto de referência, estava ali apenas uma parede e era horrível, a casa parecia-me fechada, como se aquele quadro tivesse o condão de a prolongar até ao infinito...»

A NATUREZA DENTRO DE CASA

Sem quadros, Kukas não poderia viver. Mas o mesmo aconteceria se não tivesse plantas. «Só não tenho mais por falta de espaço nesta minha minicasa!» Há plantas inclusive na cozinha e na casa de banho. Nunca deita fora nada de onde a vida possa brotar. Há, por exemplo, carços de abacates em frascos com água, outros já em vasos com terra, alguns já quase são árvores.

Este amor vem-lhe dos tempos passados na quinta em Penamacor, onde nasceu e passou grande parte

Kukas. Prolonga-a. Se esta casa não fosse de quem é, talvez houvesse só a vista... Uma coisa bonita, mas beleza exterior apenas. O que ressalta é precisamente a integração de tudo, a forma como a própria luz do Tejo se mistura com a dos quadros, a cor da sua água com as colecções de objectos vindos do mar, e tudo isso com as fotografias de amigos ou recordações por eles trazidas.

PERCURSO DE VIDA

Kukas não tem memórias dos tempos da infância. Os pais morreram tinha ela quatro anos e é muito vaga a imagem que deles tem. Passou a morar com as tias, o irmão e a avó. «Lembro-me de estar a apanhar pedrinhas num pinhal na quinta, onde passávamos o Verão, com um panamá

tristíssima: a morte da avó, tinha então 15 anos. «Era muito terrível, rento comigo e tive um desgosto enorme quando morreu.»

No colégio de freiras onde andava, Kukas passava a vida a ser castigada. «Punha em causa aquele sistema perfeitamente irracional. Característica que se mantém muito a define: «Sou lúcido, mas sou submissa!»

Namoradeira, não era muito. «Acho porque estava condicionada pelo contexto familiar. Se, naquele tempo, houvesse a permissividade de hoje, teria tido muito mais namorados e muito mais cedo. Mas era-me impensável, por exemplo, aos 15, 16 anos, sair com amigos sem ser acompanhada por um *chaperon*! *Béguins* tive vários namorados e várias paixões duas.

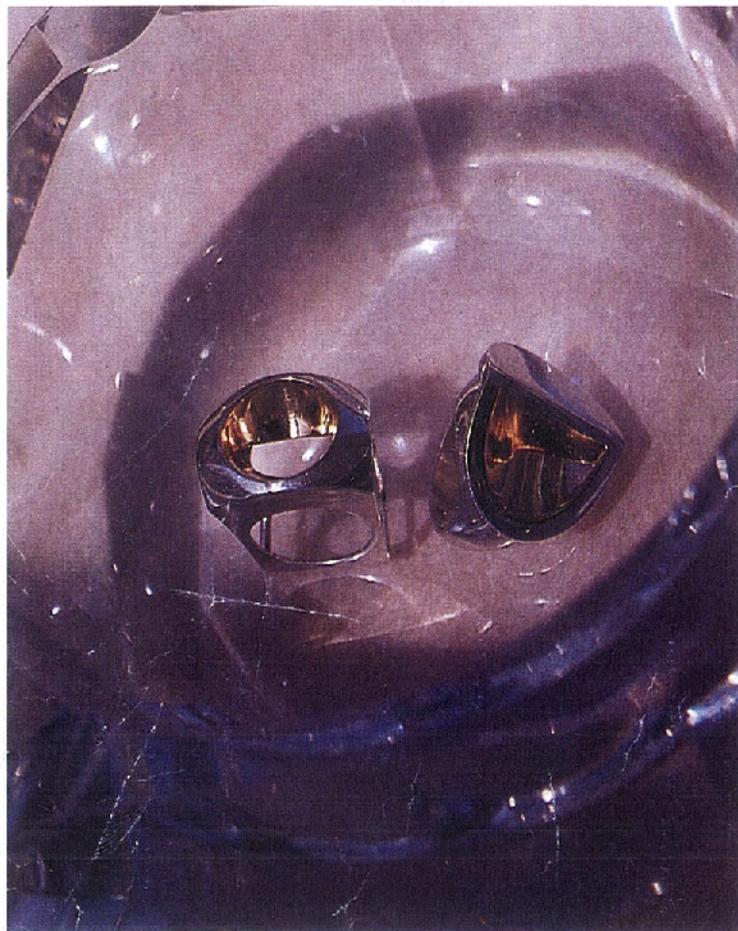
A VIDA PROFISSIONAL

Em pequena, Kukas pensava em estudar Direito. «Era a ideia de fazer justiça.» Entretanto, interrompeu os estudos por doença e passou a pensar em Arquitectura. «Mas hoje em dia, se não fizesse o que faço, interessar-me-ia por Antropologia.»

Fez «daqueles cursinhos de educação familiar de que constava de cerâmica na *Obra das Mães pela Educação Nacional*». Havendo coisas que se recusava a fazer. Começou então a criar outras formas e o professor de História de Arte elogiou-a imenso: «Ah, você tem outra pedalada!» Estava decidida a sua profissão: criadora de objectos de arte. Imagina-lhe uma genealogia, cria *famílias* de objectos.

A certa altura da vida resolveu fazer um curso de decoração de interiores para Paris. De há 20 anos para cá, Kukas faz a produção integral da loja com o seu nome, na Praça das Flores, em Lisboa. «Trabalho bastante. Muitas pessoas às vezes pensam: *Que bom ser artista!* E é bom, claro, trabalhar no que se gosta. Mas pensar que é um sossego, é que não! Dá-me muito prazer, mas um grande desassossego.»

A propósito do seu trabalho, foi-lhe a questão de dizer: «Eu fiz, de facto, uma revolução em Portugal no campo da joalheria. Mas tenho muito respeito pelos materiais nobres e mantenho a preocupação de não ir atrás de um vanguardismo importado que pretende estar *la page*. Acho que, hoje em dia, uma grande confusão nesse campo e, muitas vezes, chama-se joalheiro aquilo que é bijutaria.»



da sua vida. «A ligação telúrica à quinta foi muito marcante para mim – o contacto com os bichos, aqueles cheiros todos, as frutas comidas logo a seguir a serem apanhadas das árvores, as melancias enormes, o facto de ser aproveitado tudo quanto saía da terra. Tenho uma grande nostalgia de tudo isso...»

A vista sobre Lisboa até ao Tejo, que lhe entra pelas janelas da sala, faz parte integrante da casa de

branco na cabeça e das minhas tias me estarem a dizer: *Não atire pedrinhas! Ainda parte a cabeça!* Fui teimosa, claro, como todas as crianças, e parti mesmo a cabeça. Depois lembro-me de me levarem a correr para o médico e de eu ir a chorar. Mas a primeira coisa que ele fez foi dar-me uma caixinha de lata. Comecei imediatamente a fazer coisas com ela e calei-me.» A primeira recordação importante é já dos tempos de adolescência e